



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Novembro/2025 #57



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Novembro/2025 #57

Reitoria

Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva
Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins
Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas -
NUPE

Prof. Nicolino Trompieri Neto
Curso de Economia UNIFOR / Professor



APRESENTAÇÃO



A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nossa boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 57ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião assinado por Lucas Pessoa Silva, egresso da Universidade de Fortaleza, intitulado “Apostas Esportivas e Desigualdade Econômica: Riscos, Avanços e o Desafio da Regulação”. Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil.

Boa Leitura!

OPINIÃO:

APOSTAS ESPORTIVAS E DESIGUALDADE ECONÔMICA: RISCOS, AVANÇOS E O DESAFIO DA REGULAÇÃO

Lucas Pessoa Silva*

Aeconomia mundial permanece em um ambiente de incerteza, com crescimento moderado, inflação resistente e políticas monetárias ainda contracionistas. A desaceleração da China, as tensões geopolíticas e a reorganização das cadeias globais de valor afetam as decisões de investimento e ampliam a volatilidade internacional. Nesse contexto, setores emergentes exigem marcos regulatórios capazes de acompanhar transformações rápidas e mitigar riscos associados à digitalização.

No Brasil, a atividade econômica avança em ritmo lento, sustentada majoritariamente pelo setor de serviços e pelo consumo das famílias. A inflação ainda pesa sobre os orçamentos mais vulneráveis, enquanto a elevada taxa de juros restringe o investimento produtivo e aumenta a sensibilidade dos consumidores a choques financeiros. Esse ambiente amplia a procura por alternativas de renda imediata e torna o país particularmente suscetível à expansão das apostas esportivas digitais.

O crescimento dessas plataformas acompanha uma tendência global impulsionada pela popularização da internet e pela forte presença de publicidade segmentada. Estudos recentes mostram que as apostas, antes restritas a ambientes físicos, passaram a integrar o cotidiano digital dos consumidores, com ampla exposição por meio de mídias sociais, transmissões esportivas e campanhas de marketing agressivas (Souza, Freitas e Cardoso (2024)). A ausência de regulamentação permitiu que empresas atuassem sem garantias mínimas de transparência, expondo usuários a práticas abusivas, golpes e movimentações financeiras irregulares, como analisado por Silva, Almeida e Pereira (2024) e Araujo e Sousa (2025).

A literatura especializada destaca que mercados de apostas não regulados tendem a gerar consequências econômicas e sociais relevantes. Marinho e Gomes (2024) apontam o aumento de comportamentos de risco e de perdas financeiras, enquanto PIO et al. (2024) evidenciam que o ambiente digital intensificou práticas compulsivas, especialmente entre indivíduos de menor renda, que muitas vezes veem as apostas como alternativa para superar dificuldades financeiras. Esses achados se conectam à Economia Comportamental e à teoria de Kahneman e Tversky sobre decisões sob incerteza, ao mostrar como vieses cognitivos podem levar consumidores a superestimar probabilidades de ganho e a persistir em escolhas desfavoráveis. Para Mendieta e Queiroz (2024), o modelo de negócios das plataformas digitais explora diretamente tais fragilidades, utilizando estímulos constantes, bônus e mecanismos que prolongam a permanência do usuário.

A análise econômica do setor permite identificar quatro mecanismos centrais que contribuem para o aumento da desigualdade. O primeiro mecanismo é o da renda: famílias de baixa renda destinam proporcionalmente mais recursos às apostas, comprometendo sua estabilidade financeira. O segundo mecanismo é tributário: embora a regulamentação gere arrecadação significativa, parte dessa receita tem origem justamente nas camadas mais vulneráveis, o que suscita preocupação distributiva. O terceiro mecanismo refere-se às externalidades sociais, incluindo endividamento recorrente, perda de capacidade de consumo e deterioração das condições financeiras das famílias. O quarto mecanismo é comportamental, ligado à exploração de assimetrias de informação e de vieses cognitivos, que afetam principalmente indivíduos em situação de fragilidade econômica.

A Lei nº 14.790, de 2023, representa um marco importante ao estabelecer diretrizes claras para operação, fiscalização e responsabilidade social das empresas do setor. A Empresa Brasil de Comunicação (EBC, 2024) reforça que as apostas devem ser compreendidas como forma de lazer e não como estratégia de solução financeira, destacando a necessidade de proteção ao usuário. A regulamentação fortalece o combate à informalidade, amplia a rastreabilidade das transações e reduz riscos associados a práticas irregulares. Entretanto, sua efetividade depende da consolidação de políticas complementares, como ferramentas de autoexclusão, limites operacionais, educação financeira e programas de prevenção ao jogo problemático.

O debate sobre apostas esportivas no Brasil não gira em torno da permissão ou proibição da

* Graduado em Ciências Econômicas pela Unifor.

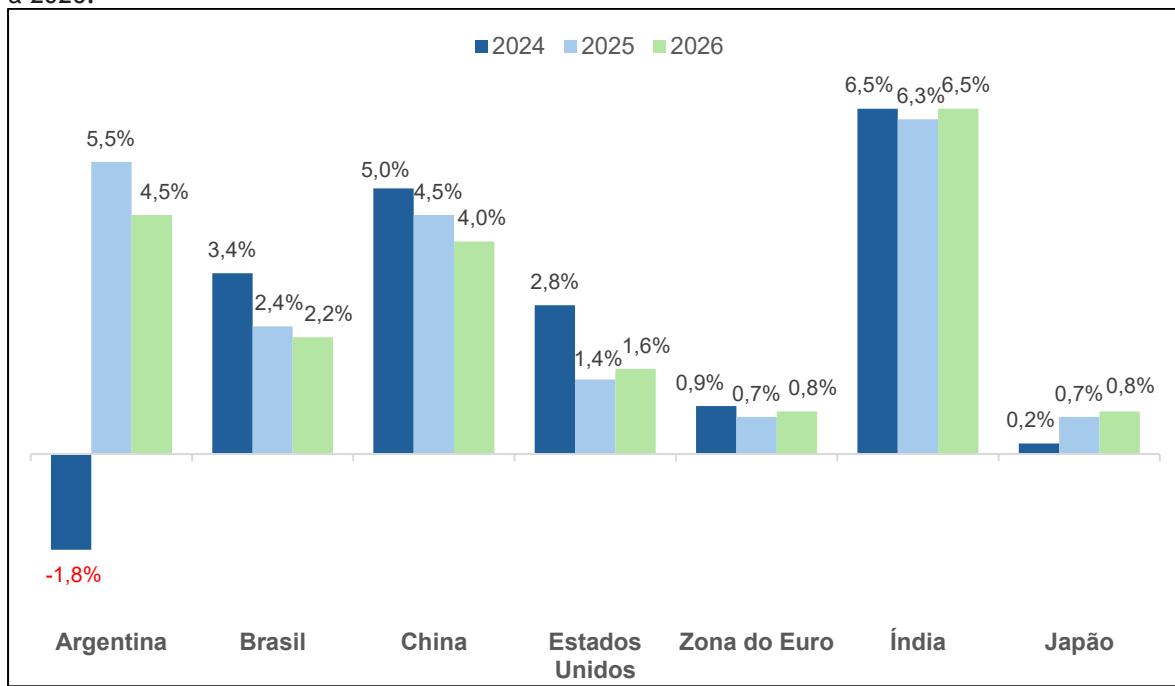
atividade. A questão central envolve as condições necessárias para que o setor opere de maneira economicamente relevante e socialmente responsável. A regulamentação representa um avanço decisivo, mas ainda insuficiente diante da velocidade de expansão do mercado e da vulnerabilidade dos consumidores. Para que os potenciais benefícios econômicos se materializem sem ampliar desigualdades, é fundamental consolidar um arcabouço regulatório robusto, orientado por evidências e comprometido com o bem-estar social. Somente assim será possível integrar dinamismo econômico, proteção ao consumidor e redução de vulnerabilidades, fundamentos essenciais para um desenvolvimento mais equilibrado.

PANORAMA INTERNACIONAL

A economia global segue em trajetória de expansão moderada, refletindo as condições financeiras ainda restritivas e as persistentes incertezas geopolíticas. Apesar da melhora gradual nas cadeias internacionais de suprimento, os níveis de investimento permanecem contidos, em razão do elevado custo do capital e da expectativa de manutenção de juros elevados por um período mais prolongado.

Para o horizonte de 2024 a 2026, projeta-se a continuidade do crescimento em ritmo reduzido, com leve aceleração apenas ao final do período, condicionada à flexibilização monetária nas principais economias e à recomposição mais consistente do comércio internacional. As economias desenvolvidas mantêm desempenho limitado em função da política monetária restritiva, que busca a convergência da inflação para as metas em um ambiente de demanda mais moderada.

Gráfico 1 - Crescimento real anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) - Países selecionados - 2024 a 2026.



Fonte: World Bank, Global Economic Prospects database - Atualizado em jun/2025.

Nos Estados Unidos, a projeção de crescimento para 2025 é de aproximadamente 1,4%, sustentada pela resiliência do consumo interno. Já a Zona do Euro apresenta expansão mais contida, cerca de 0,7% para 2025, impactada pelo menor dinamismo industrial e pelo investimento ainda limitado. O Japão mantém crescimento positivo, também com crescimento projetado de 0,7%, embora em patamar baixo, favorecido por estímulos domésticos.

Nas economias emergentes, observa-se um ritmo de expansão superior ao dos países desenvolvidos, ainda que marcado por fortes assimetrias regionais. A China deve crescer em torno de 4,5% em 2025, em um cenário de ajustes estruturais no setor imobiliário e políticas de estímulo mais seletivas. A Índia

permanece entre as economias com maior taxa de expansão, impulsionada por reformas econômicas e aumento do investimento produtivo. A América Latina, por sua vez, apresenta crescimento mais moderado, condicionado por limitações estruturais e fragilidade fiscal em alguns países.

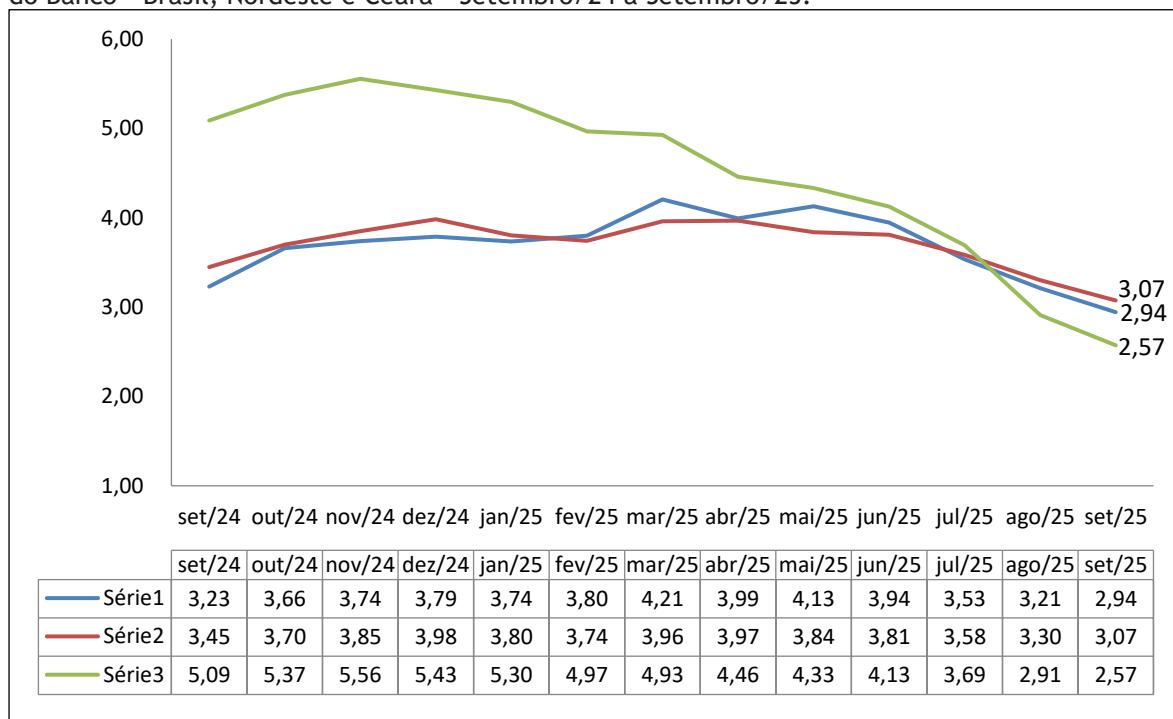
No panorama internacional, a atividade econômica segue condicionada ao comportamento da política monetária das principais economias, à estabilidade geopolítica e à recuperação consistente do comércio global. A transição energética e o avanço tecnológico devem ganhar espaço como elementos estruturantes de novas estratégias de crescimento, embora seus efeitos se manifestem de forma desigual entre os países.

De forma geral, o crescimento mundial avança de maneira heterogênea, com destaque para os países emergentes, que mantêm um ritmo mais intenso em comparação aos desenvolvidos, ainda que inseridos em um contexto de elevada incerteza econômica e financeira internacional.

A ATIVIDADE ECONÔMICA E ANÁLISE SETORIAL

O acompanhamento do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) – indicador amplamente utilizado como métrica antecedente do desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) – permite avaliar de forma mais dinâmica o comportamento recente da economia brasileira. A análise das três séries consideradas – referentes ao Brasil, ao Nordeste e ao Ceará – revela que, embora o final de 2024 tenha sido marcado por um movimento de crescimento, os meses de 2025 indicam uma desaceleração consistente da atividade econômica.

Gráfico 2 – Crescimento acumulado dos últimos 12 meses (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco – Brasil, Nordeste e Ceará - Setembro/24 a Setembro/25.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Entre setembro e dezembro de 2024, todas as séries registraram avanços significativos, na métrica do acumulado dos últimos doze meses. No Brasil (Série 1), o índice subiu de 3,23% para 3,79%; no Nordeste (Série 2), houve elevação de 3,45% para 3,98%; e, no Ceará (Série 3), o crescimento foi ainda mais expressivo, passando de 5,09% para 5,43%, refletindo um avanço econômico mais intenso no estado.

Esse desempenho foi impulsionado pela expansão da atividade industrial e pelo dinamismo do comércio. No entanto, ao longo de 2025, observou-se uma trajetória de desaceleração. A partir de janeiro, os três índices iniciam queda leve, que se acentua entre maio e setembro. Em junho de 2025,

por exemplo, os resultados atingem 3,94 no Brasil, 3,81% no Nordeste e 4,13% no Ceará – patamares inferiores aos registrados no início do ano.

Essa tendência se intensifica no segundo semestre. Em setembro de 2025, os índices recuam para 2,94% (Brasil), 3,07% (Nordeste) e 2,57% (Ceará). A retração está associada a um conjunto de fatores, como a menor tração do setor de serviços após meses de forte expansão, a moderação do crédito, vendas no comércio menos intensa, que limitaram decisões de investimento.

Ainda assim, a trajetória observada indica um movimento de acomodação da atividade econômica, mais do que uma retração profunda, em linha com o cenário de normalização do ciclo econômico.

O Setor Agrícola

O agronegócio brasileiro segue como um dos principais motores da economia nacional, sustentando o crescimento do PIB, o abastecimento interno e a competitividade externa. Mesmo diante de desafios climáticos e oscilações nos mercados globais, o setor mantém trajetória de resiliência e expansão, impulsionado pelo avanço tecnológico, pela ampliação da área cultivada e pelo fortalecimento tanto do agronegócio empresarial quanto da agricultura familiar.

De acordo com as estimativas da Conab (novembro/2025), a safra brasileira de grãos 2025/2026 deve alcançar 354,7 milhões de toneladas, o que representa crescimento de 0,8% em relação ao ciclo anterior. Esse resultado decorre da expansão de 3,3% na área plantada, que atingiu 84,4 milhões de hectares, compensando parcialmente a queda de 2,4% na produtividade média, que passou de 4.306 para 4.203 kg/ha. Ainda que o setor enfrente custos elevados e condições climáticas irregulares em algumas regiões, o uso de sementes melhoradas, maior mecanização e adoção de tecnologias sustentáveis têm sustentado o desempenho da produção.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados (*) - safras 2024/25 e 2025/26 (**) - Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
Ceará	941,1	942,5	0,1	442,0	647,9	46,6	416,0	610,6	46,8
Nordeste	10.048,3	10.434,0	3,8	3.121,6	3.139,0	0,6	31.366,6	32.752,8	4,4
Brasil	81.723,2	84.417,5	3,3	4.306,4	4.203,3	-2,4	351.932,6	354.833,4	0,8

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1^a e 2^a safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1^a, 2^a e 3^a safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1^a, 2^a e 3^a safras), soja, sorgo, trigo e triticale;

(**) São estimativas geradas pelo Conab em novembro de 2025.

No Nordeste, a produção total de grãos aumentou 4,4%, favorecida tanto pela expansão de 3,8% na área cultivada quanto por um leve ganho de produtividade (+0,6%). O uso crescente de tecnologias adaptadas ao semiárido, como sistemas de irrigação eficientes, cultivares resistentes à seca e maior integração entre pesquisa e extensão rural, tem contribuído para essa performance. As áreas de cerrado na região – especialmente nos estados da Bahia, Maranhão e Piauí – continuam impulsionando o Matopiba como nova fronteira agrícola do país.

No caso do Ceará, observa-se um movimento expressivo de recuperação após o fraco desempenho da safra anterior. Embora a área plantada tenha permanecido praticamente estável (+0,1%), totalizando 942,5 mil hectares, a produtividade deu um salto de 46,6%, passando de 442 para 647,9 kg/ha. Como resultado, a produção estadual cresceu na mesma proporção, alcançando 610,6 mil toneladas. Esse avanço reflete, possivelmente, uma combinação de fatores como condições climáticas mais favoráveis, uso intensivo de insumos, adoção de tecnologias e melhorias no manejo agrícola.

De forma geral, o panorama da safra 2025/2026 aponta para um crescimento moderado e sustentado do agronegócio brasileiro, com destaque para a incorporação de tecnologias voltadas à eficiência e à sustentabilidade. O Brasil reafirma-se como potência agrícola global, com o Nordeste ganhando protagonismo na diversificação produtiva e o Ceará demonstrando sinais consistentes de avanço, ainda que enfrente desafios importantes para manter a regularidade da produção.

O Setor da Indústria

Até setembro de 2025, a indústria brasileira apresentou crescimento moderado, mantendo a tendência dos meses anteriores. O avanço segue puxado, principalmente, pelas indústrias extrativas, que compensam o desempenho mais fraco da indústria de transformação.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais-Brasil, Nordeste e Ceará - Acumulado no ano até setembro de 2025⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	0,4	-1,1	-0,5
Produtos alimentícios	0,5	-1,5	5,0
Bebidas	-2,6	-3,5	-5,1
Produtos do fumo	10,0	-	-
Produtos têxteis	10,8	-3,9	-6,9
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,3	-4,3	-10,6
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-1,7	-4,9	3,6
Produtos de madeira	-4,6	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	0,4	-1,1	-
Impressão e reprodução de gravações	-4,9	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-4,2	0,3	-14,8
Outros produtos químicos	2,4	-4,3	36,1
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-0,3	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	1,5	0,4	-
Produtos de minerais não-metálicos	-0,1	2,3	-0,1
Metalurgia	2,7	-1,9	27,9
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-1,0	-10,6	0,4
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-2,5	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-0,1	-5,5	-36,6
Máquinas e equipamentos	6,5	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	3,0	7,1	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	2,1	-	-
Móveis	0,1	-	-
Produtos diversos	0,5	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	9,3	-	-
Indústrias extrativas	4,1	3,3	-
Indústria geral	1,0	-1,0	-0,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2025 a setembro/2025 (Base: igual período do ano anterior).

Alguns segmentos da transformação, como máquinas e equipamentos, produtos químicos e metalurgia, contribuíram positivamente, enquanto outros seguem pressionados por custos elevados, concorrência com importados e o cenário econômico adverso.

Em setembro, a indústria nacional registrou alta de 1,0%. Já o Nordeste recuou 1,0%, refletindo

um cenário mais desafiador, apesar da leve melhora em relação a agosto. O desempenho regional permanece heterogêneo: enquanto as indústrias extrativas seguem em alta, diversos segmentos da transformação ainda registram retrações, com destaque para produtos de metal, celulose, têxteis e materiais elétricos. Essas quedas refletem limitações estruturais, como menor base tecnológica, dependência externa de insumos, gargalos logísticos e baixa diversificação industrial.

No Ceará, o cenário é semelhante. Apesar da queda de 0,5% na indústria geral, alguns segmentos sustentam o desempenho, como produtos químicos (+36,1%), metalurgia (+27,9%), alimentos e calçados. Esses avanços têm sido impulsionados por projetos de infraestrutura, encadeamentos produtivos locais e demanda interna.

Por outro lado, máquinas e materiais elétricos, coque e derivados de petróleo e vestuário acumulam quedas acentuadas. O segmento de máquinas e equipamentos elétricos, por exemplo, recuou -36,6%. Ainda assim, houve certa melhora nas quedas de têxteis e vestuário.

O desempenho industrial cearense é marcado por alta volatilidade, com poucos setores puxando o crescimento e outros em forte retração, o que resulta em estagnação no índice geral. Em síntese, os dados até setembro reforçam que a recuperação industrial segue lenta e desigual. O crescimento nacional está concentrado em poucos setores, ligados a exportações e investimentos. Já no Nordeste e no Ceará, a presença de fragilidades estruturais torna o avanço mais limitado.

Esse cenário evidencia a necessidade de políticas industriais voltadas à inovação, modernização tecnológica e diversificação produtiva, para reduzir a dependência de poucos setores e ampliar a competitividade regional. Apesar de alguns sinais positivos, a recuperação ainda depende de melhores condições macroeconômicas e estratégias regionais consistentes.

O Setor de Serviços

Entre janeiro e setembro de 2025, o setor de serviços no Brasil registrou expansão de 2,8%. Esse avanço foi impulsionado, principalmente, pelos serviços de Informação e Comunicação, que cresceram 5,5%, com destaque para a Tecnologia da Informação, que apresentou alta de 12,5%. Também contribuíram positivamente os serviços prestados às famílias (+1,2%) e os transportes (+2,8%), embora esses segmentos ainda enfrentem desafios, como a retração no transporte de passageiros e em serviços familiares tradicionais.

No recorte estadual, o Ceará apresentou um desempenho superior à média nacional, com crescimento de 3,6% no acumulado do ano, referente ao período de janeiro a setembro. Esse resultado foi impulsionado, sobretudo, pela expansão dos serviços de transportes e atividades auxiliares (+8,0%). No entanto, a queda de 3,5% nos serviços profissionais e administrativos evidencia fragilidades estruturais que limitam a diversificação da economia local.

Em Pernambuco, o setor de serviços apresentou estabilidade (-0,1%), com avanços nos transportes que foram parcialmente anulados pela retração nos serviços às famílias e nos serviços profissionais.

Já a Bahia teve o pior desempenho entre os estados analisados do Nordeste, com queda de 0,9% no volume de serviços, no período acumulado de janeiro a setembro de 2025. Apesar de alguns pontos positivos, como o crescimento em "outros serviços" (+9,3%) e nas atividades profissionais (+1,1%), setores mais relevantes para a economia estadual registraram retrações, como transportes (-2,7%) e informação e comunicação (-0,6%), impactando negativamente o resultado agregado.

O conjunto desses indicadores evidencia não apenas as diferenças regionais, mas também a complexidade do setor de serviços no Brasil, que avança de forma desigual, revelando oportunidades de consolidação em algumas áreas, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de adaptação e fortalecimento das economias estaduais.

O desempenho recente do comércio varejista e do varejo ampliado no Brasil, no acumulado do ano até setembro de 2025, revela um ritmo moderado da atividade econômica, com diferenças significativas entre os estados do Nordeste.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até setembro de 2025⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	1,2	3,5	-1,7	-1,0
Serviços de alojamento e alimentação	1,9	-	-	-
Alojamento	3,3	-	-	-
Alimentação	1,5	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	-3,2	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	5,5	2,5	0,0	-0,6
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	6,3	-	-	-
Telecomunicações	0,5	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	12,5	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-0,6	-	-	-
Serviços profissionais administrativos e complementares	2,4	-3,5	-3,5	1,1
Serviços técnico-profissionais	3,5	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	1,6	-	-	-
Aluguéis não imobiliários	-1	-	-	-
Serviços de apoio às atividades empresariais	2,5	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,8	8,0	2,5	-2,7
Transporte terrestre	0,4	-	-	-
Rodoviário de cargas	0,5	-	-	-
Rodoviário de passageiros	-0,9	-	-	-
Outros segmentos do transporte terrestre	2,1	-	-	-
Transporte aquaviário	1,8	-	-	-
Transporte aéreo	19,8	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,7	-	-	-
Outros serviços	-1,6	19,2	0,0	9,3
Esgoto, gestão de resíduos, recuperação de materiais e descontaminação	0,3	-	-	-
Atividades auxiliares dos serviços financeiros	-2	-	-	-
Atividades imobiliárias	-0,4	-	-	-
Outros serviços não especificados anteriormente	-3,1	-	-	-
Total	2,8	3,6	-0,1	-0,9

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2025 a setembro/2025 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

A Atividade do Comércio

Segundo dados da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC/IBGE, 2025), o volume de vendas do varejo ampliado nacional apresentou variação de -0,3%, no período acumulado de janeiro a setembro de 2025, quando comparado com o mesmo período do ano anterior, resultado influenciado pela desaceleração de setores sensíveis ao crédito, como veículos, materiais de construção e equipamentos de informática.

Apesar desse desempenho tímido no cenário nacional, o Nordeste mostra comportamentos diversos entre os estados. O Ceará se destaca com crescimento acumulado de 4,5% no varejo ampliado no acumulado do ano de 2025 (até setembro), impulsionado pela expansão de itens de consumo corrente e bens de uso pessoal. Segmentos como combustíveis e lubrificantes (+6,4%), tecidos e vestuário (+6,3%) e outros artigos de uso pessoal e doméstico (+7,1%) tiveram resultados bem acima da média nacional, refletindo maior dinamismo na demanda interna e recuperação da renda das famílias.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até setembro de 2025⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	1,5	3,1	1,7	1,4
Combustíveis e lubrificantes	0,5	6,4	-3,4	0,8
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,8	0,4	1,7	0,9
Hipermercados e supermercados	1,2	1,0	0,7	2,2
Tecidos, vestuário e calçados	3,3	6,3	1,0	-1,5
Móveis e eletrodomésticos	4,1	-0,4	11,3	2,6
Móveis	-4,4	0,9	3,4	-2,8
Eletrodomésticos	6,8	0,2	13,7	7,8
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,6	10,1	-1,5	8,8
Livros, jornais, revistas e papelaria	-1,7	-1,3	2,5	-18,5
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,5	-12,9	-9,6	-16,6
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2,1	7,1	6,0	-0,6
Comércio varejista ampliado	-0,3	4,5	0,7	-1,0
Veículos, motocicletas, partes e peças	-2,8	5,3	-4,1	7,8
Material de construção	0,6	5,2	0,4	-1,5
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-4,5	8,7	4,8	-19,5

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2025 a setembro/2025 (Base: igual período do ano anterior).

Em Pernambuco, o avanço foi mais moderado no acumulado de 2025, até setembro: alta de 0,7% no varejo ampliado e de 1,7% no varejo restrito. Os melhores desempenhos vieram de móveis e eletrodomésticos (+11,3%) e livros e papelaria (+2,5%), ambos acima da média nacional. No entanto, quedas em combustíveis (-3,4%) e equipamentos de informática (-9,6%) limitaram o resultado geral.

A situação da Bahia é mais desafiadora. O varejo ampliado recuou -1,0% no acumulado do ano, referente ao período de janeiro a setembro de 2025, afetado por quedas expressivas em segmentos estratégicos como livros e papelaria (-18,5%), informática (-16,6%) e, principalmente, atacado especializado em alimentos e bebidas (-19,5%). Apesar de o varejo restrito ter crescido 1,4%, o fraco desempenho do ampliado indica uma demanda mais contida e dificuldades nos setores de maior valor agregado.

No contexto nacional, no acumulado do ano de 2025, até setembro, segmentos essenciais continuam sustentando o consumo, como artigos farmacêuticos (+3,6%) e hipermercados e supermercados (+1,2%). Por outro lado, setores dependentes de crédito, como móveis, eletrodomésticos e materiais de construção, seguem pressionados por juros elevados e pela limitação da capacidade de endividamento das famílias, conforme apontado em análises do IBGE e do Banco Central do Brasil.

Os dados apontam para uma economia que evolui de forma desigual entre regiões e setores. O Ceará se consolida como um dos mercados mais dinâmicos do Nordeste; Pernambuco cresce de forma seletiva, apoiado em nichos específicos; e a Bahia enfrenta retrações relevantes que comprometem o desempenho do varejo ampliado. Em âmbito nacional, o varejo continua sustentado pelo consumo essencial, enquanto o varejo ampliado permanece sensível às condições de crédito e restrições de renda.

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

A análise do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) revela um quadro de expansão consistente do emprego formal no Brasil nos últimos 12 meses encerrados em outubro de 2025, com destaque positivo também nas regiões Nordeste e Ceará.

No acumulado de 12 meses, o Brasil registrou um saldo de 1.352.400 novas vagas, com variação de 2,8% no estoque de empregos formais. O resultado confirma o avanço do mercado de trabalho, especialmente após o forte recuo observado em dezembro de 2024, quando houve fechamento de mais de 550 mil postos. Esse movimento de recuperação ao longo de 2025 tem sido sustentado pelo aquecimento da atividade econômica, pela recuperação do consumo das famílias e pelo aumento da demanda por mão de obra em setores-chave.

Entre janeiro e setembro de 2025, o desempenho foi ainda mais expressivo: o saldo nacional de empregos criados atingiu 1.800.650 vagas, com variação de 3,82%. No Nordeste, o comportamento seguiu a tendência nacional, porém com ritmo ligeiramente superior: foram criados 334.768 empregos formais em 12 meses, o que representa uma alta de 4,1%, acima da média nacional (+2,8%). Esse desempenho está ligado à retomada das atividades produtivas, com destaque para os setores de serviços, comércio e agropecuária, que têm peso relevante na economia regional.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - outubro/2024 a outubro/2025 ⁽¹⁾.

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.% ⁽²⁾	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%
out-24	2.237,6	2.106,0	131,6	0,28	298,4	279,3	19,1	0,24	54,0	51,0	3,0	0,21
nov-24	1.996,4	1.890,2	106,2	0,22	275,7	250,3	25,4	0,32	49,9	45,4	4,5	0,32
dez-24	1.534,9	2.089,4	-554,5	-1,16	213,4	273,5	-60,1	-0,75	36,8	43,9	-7,1	-0,5
jan-25	2.309,7	2.161,5	148,2	0,31	311,5	307,5	4,1	0,05	54,6	55,0	-0,4	-0,03
fev-25	2.612,7	2.174,5	438,2	0,93	343,9	301,8	42,2	0,53	61,0	54,4	6,7	0,47
mar-25	2.259,1	2.180,1	79,0	0,17	288,4	298,6	-10,3	-0,13	48,4	51,1	-2,7	-0,19
abr-25	2.322,1	2.084,8	237,3	0,50	323,5	278,1	45,4	0,57	57,0	48,1	8,9	0,63
mai-25	2.280,5	2.127,9	152,6	0,32	329,1	280,5	48,6	0,61	56,8	51,1	5,7	0,40
jun-25	2.166,5	2.004,8	161,7	0,34	301,3	265,9	35,4	0,44	56,7	49,4	7,3	0,51
Jul-25	2.268,2	2.134,0	134,2	0,28	326,2	285,4	40,8	0,50	61,2	53,3	7,8	0,54
ago-25	2.258,6	2.107,4	151,1	0,31	342,6	286,3	56,2	0,69	61,4	54,4	7,0	0,49
Set-25	2.301,5	2.088,3	213,2	0,44	351,6	278,1	73,4	0,89	63,1	52,6	10,5	0,73
out-25	2.271,5	2.186,3	85,1	0,17	328,3	294,4	33,8	0,41	58,7	55,3	3,4	0,23
Acum. do Ano	23.050,3	21.249,7	1.800,7	3,8	3.246,4	2.876,8	369,6	4,6	578,9	524,6	54,3	3,8
Acum. dos últimos 12 meses	26.581,6	25.229,2	1.352,4	2,8	3.735,4	3.400,6	334,8	4,1	665,5	613,8	51,7	3,6

Fonte: Novo Caged - SEPRT/ME (2024). Elaboração: NUPE/UNIFOR. Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2024 e 2025. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

No Ceará, o mercado de trabalho também apresentou trajetória positiva. O estado acumulou 51.701 novas vagas formais no período de 12 meses, com crescimento de 3,66%.

No entanto, os dados mais recentes indicam sinais de desaceleração. Em outubro de 2025, o Brasil gerou apenas 85.100 vagas formais, com variação de 0,17% – um dos piores resultados mensais do ano. Esse desempenho representa uma queda de 43,7% em relação a agosto (151,1 mil vagas) e frente a setembro (213,2 mil). A diferença entre admissões (2,27 milhões) e desligamentos (2,18 milhões) foi mais estreita do que nos meses anteriores, sugerindo cautela por parte dos empregadores e perda de fôlego no ritmo de contratações.

O Nordeste acompanhou essa desaceleração: em outubro, foram criadas 33,8 mil vagas (variação de 0,41%), número inferior aos 73,4 mil de setembro e aos 56,2 mil de agosto. No Ceará, o saldo foi de apenas 3,4 mil postos, com crescimento de 0,23%, uma redução significativa em relação às 7 mil vagas

geradas em agosto.

O mercado de trabalho brasileiro avança de forma gradual, porém desigual, com bons resultados acumulados, especialmente no Nordeste e no Ceará, mas com alertas importantes de desaceleração que devem ser considerados para garantir a sustentabilidade da recuperação e evitar o retorno de níveis mais altos de desemprego estrutural.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Os dados mais recentes do comércio exterior indicam que, em outubro de 2025, o Brasil registrou um superávit expressivo de US\$ 6,57 bilhões, resultado de alta de 7,8% nas exportações e queda de 0,8% nas importações. Apesar do bom desempenho no mês, o saldo acumulado dos 12 meses anteriores aponta uma contração significativa de -21,7%, sinalizando uma desaceleração na dinâmica comercial nacional. Ainda assim, a Corrente Comercial (soma de exportações e importações) apresentou crescimento nos últimos doze meses de 3,3%.

O Nordeste, no acumulado de 12 meses, as exportações da região caíram 9,8%, resultando em um déficit acumulado de -US\$ 1,8 bilhão. A Corrente Comercial da região recuou 65,5% nos últimos doze meses, evidenciando uma forte contração da atividade externa e reforçando a necessidade de análise mais aprofundada sobre os entraves à competitividade das exportações nordestinas.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) - Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾.

País, Região e Estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%	US\$ Milhões	Var.%
Brasil								
Outubro de 2025	31.582,9	7,8	25.009,2	-0,8	6.573,7	60,7	56.592,1	3,8
Acumulado do Ano	289.306,6	1,8	237.309,7	7,1	51.996,9	-17,2	526.616,3	4,1
Acumulado 12 meses	342.045,0	0,3	278.665,7	7,1	63.379,3	-21,7	620.710,7	3,3
Nordeste								
Outubro de 2025	2.408,4	3,8	2.257,7	-13,4	150,6	152,3	4.666,1	-5,3
Acumulado do Ano	21.224,9	0,9	23.028,4	-5,6	-1.803,6	46,5	44.253,3	-2,6
Acumulado 12 meses	22.996,9	-9,8	27.339,6	-4,1	-4.342,6	-44,7	18.654,3	-65,5
Ceará								
Outubro de 2025	216,2	144,6	210,0	-29,7	6,2	103,0	426,2	10,0
Acumulado do Ano	1.882,4	47,6	2.330,4	-11,7	-448,0	67,1	4.212,8	7,6
Acumulado 12 meses	2.075,9	34,0	2.720,3	-12,2	-644,4	58,3	4.796,2	3,2

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) As variações do acumulado do ano e do acumulado dos 12 meses referem-se a comparações com o mesmo período do ano anterior e com o período imediatamente anterior, respectivamente.

Em contrapartida, o Ceará se destacou positivamente no cenário regional e nacional. As exportações cearenses cresceram 144,8% em outubro de 2025, e no acumulado do ano, o avanço chega a 47,6%, totalizando US\$ 1,88 bilhão em vendas externas. Embora o estado ainda registre déficit na balança comercial, houve uma melhora de 67,1% no saldo, tornando o déficit menos negativo. Além disso, a Corrente Comercial acumulada cresceu 7,6%, indicando maior dinamismo nas trocas internacionais. Nos últimos doze meses, a corrente de comércio exterior do Ceará cresceu 3,2%.

Por fim, os dados de outubro revelam um mês positivo para o comércio exterior brasileiro, com desempenho mensal expressivo, mas os resultados acumulados apontam para uma tendência de desaceleração. No plano regional, a crise nas exportações nordestinas contrasta com o forte crescimento do Ceará, que surge como um foco de resiliência e dinamismo na pauta externa do país.

Bibliografia:

ARAUJO, J.; SOUSA, M. Apostas digitais e vulnerabilidade financeira. **Revista de Economia Aplicada**, 2025.

EBC - EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Apostas esportivas e regulamentação no Brasil**. Brasília, 2024.

MARINHO, R.; GOMES, T. Regulação e impactos econômicos das apostas online. **Estudos Econômicos**, 2024.

MENDIETA, L.; QUEIROZ, F. Comportamento do consumidor em plataformas digitais de apostas. **Cadernos de Economia Comportamental**, 2024.

PIO, A. et al. Psicologia econômica do jogo online. **Revista Brasileira de Economia Comportamental**, 2024.

SILVA, R.; ALMEIDA, F.; PEREIRA, H. Jogo online e riscos regulatórios no Brasil. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, 2024.

SOUZA, L.; FREITAS, A.; CARDOSO, M. A expansão das apostas digitais e seus impactos socioeconômicos. **Revista de Estudos Sociais**, 2024.

Autores:

Alexandra Carla Elias Oliveira
Ana Lia Costa Carneiro
Ana Luiza Cavalcante Alencar
Andre Araujo Queiroz
Brenda Rodrigues Cavalcante
Clayton José da Silva Viana Junior
Djailson Pereira Do Nascimento
Emilio de Medeiros Viana Filho
Enzo Costa Martins Pereira
Francisca Emily Pinheiro Lopes
Francisco Felipe Silva Rodrigues
Francisco Matheus de Oliveira Viana
Frank Carlos Magnu Almeida Chaves
Fábio Carneiro da Costa
Gardel Dias da Assunção
Isabele Barbosa de Maria da Silva
João Otávio Pinto Serra
Jose Caio de Souza
Leandro Sparapan Piekazevicz
Marcus André Rodrigues Jerônimo André Ro
Maria Clara Cavalcante Guilherme

